

Os Significados Socioculturais do Corpo Obeso em Marisqueiras

The sociocultural meanings of the obese body among shellfish collector women

Polyana Barbosa da Silva¹

Existem hoje no Brasil mais de 600 mil pessoas que vivem da pesca artesanal. Destas, há um contingente significativo de mulheres. Na produção artesanal clássica, a atividade marcada pelo trabalho familiar é fundamentada em conhecimentos empíricos, transmitidos pelos mais velhos. Do ambiente natural, a maré, essas populações extraem a principal fonte de seu sustento, suprimindo muitas das demandas sociais ainda sem resposta estatal. A maré molda comportamentos, sugere crenças e dita ritmos de trabalho. O presente estudo objetivou compreender os significados do corpo no trabalho, em particular o corpo obeso, atribuídos por marisqueiras de uma comunidade quilombola em Ilha de Maré, Bahia. A abordagem metodológica qualitativa utilizou ferramentas da etnografia e da análise hermenêutica dialética para compreender a complexidade do cotidiano das marisqueiras. Foram realizadas entrevistas em profundidade sobre as relações entre o corpo e o trabalho, corpo e condições de vida e de saúde destas trabalhadoras. Percebeu-se que as marisqueiras não se percebem como obesas, sendo esta uma nomenclatura técnica pouco presente em seu cotidiano. A despeito da dor do trabalho que as castiga, surge a necessidade de sobrevivência que as faz permanecer na *labuta da maré*. O corpo gordo não as incomoda e sim o cansaço e a exaustão que tomam conta deste corpo, no trabalho sob o sol e no mangue, frequentemente por mais de dez horas por dia. Para elas, gordo significa saúde e bastante força para o trabalho. As marisqueiras vivem em situação de vulnerabilidade social e econômica e referiram que se sentem obrigadas a mariscar, desde a infância. As marisqueiras consideram o seu corpo como uma extensão do mangue e afirmam que o mangue e seus corpos estão entrelaçados pela força da maré.

Palavras-chave: Corpo Humano; Obesidade; Mariscos; Alimentos Marinhos; Trabalhadores Condições de Trabalho.

In Brazil, more than 600,000 people, mainly women, rely their living on collecting shellfish. Classical craftsmanship activity is marked by family work and it is based on empirical knowledge, transmitted by their elderly. These populations derive the major source of livelihood from the natural environment, the tide, providing many social demands that remain unanswered by the Government. The tide shapes attitudes, beliefs and dictates work rhythms. The objective of this study was to understand the meanings of the body at work, particularly of the obese body, as conceived by shellfish collector women, in a community descending of slaves from Ilha de Maré, State of Bahia, Brazil. The qualitative approach used tools of ethnography and hermeneutic dialectical analysis to understand the complexity of daily scavenger seafood routine. In-depth interviews were carried out with these women about the relationships between their body and their work, and about body and health and working conditions. It was noted that these shellfish collector women do not feel obese. Obesity is a technical nomenclature barely

¹ Dissertação de Mestrado PPGSAT da FMB-UFBA. E-mail: poly_nutri@yahoo.com.br

present in their daily world. Despite the pain of labor that punishes the workers, there is a necessity for survival that makes them stay in the drudgery of the tide. Having an obese body does not bother them, but the fatigue and exhaustion that dominate the body, working exposed to the sun, in the mangrove, usually for more than ten hours a day. To them, fat means health and enough strength for the job. Shellfish collector women live in a situation of social and economic vulnerability. They referred feeling obliged to work in this job since childhood. They consider their body as an extension of the mangrove and claim that the mangrove and their bodies are interlaced by the force of the tide.

Keywords: Human Body; Obesity, Shellfish; Seafood; Workers; Working Conditions.